

Favela do Serejão é cenário de miséria total

Sheyla Leal

CLÁUDIA CARNEIRO

Lixo, ratos, pulgas, água contaminada, doenças contagiosas e crianças que passam fome. Estas são as peças de um cenário miserável localizado bem atrás da Rodoviária de Taguatinga. A invasão do Serejão — que há seis anos ocupa a área ao lado daquele estádio de futebol — já soma 150 famílias, dentre elas 330 crianças, sobrevivendo em condições subumanas e expostas à proliferação de doenças. Preocupada com a precária qualidade de vida daquela gente, a Administração Regional de Taguatinga estuda uma solução para o problema.

Cerca de 600 pessoas ocupam a área levantando barracos de lona e papelão, alguns de madeirite, onde abrigam famílias de até 12 membros. Muitas vezes são pegadas de surpresa à noite, pela chuva e vento que jogam ao chão suas "casas" ou pela ação de marginais, que dizem vir de outras redondezas, roubando seus pertences. A maioria é desempregada e depende da ajuda da comunidade e esmolas para garantir pelo menos uma refeição diária para as crianças. Algumas delas chegam a freqüentar escolas da Fundação Educacional do DF.

A água usada para tomar banho e lavar roupa vem de uma suposta "mina" e fica estagnada para o uso de todos os moradores da invasão. Mas ninguém tem certeza da origem da água e todos reclamam do



Em barracos de lona e papelão, 150 famílias sobrevivem em condições subumanas em invasão junto ao estádio de Taguatinga

mau cheiro e de uma alergia provocada por ela. "O médico do centro de saúde disse que muita gente tem coceira por causa da água", explicou o morador Francisco de Assis Souza, 39 anos, líder comunitário na favela. Para beber, eles se servem da água de uma mina ao lado. Diarréia é também problema comum entre adultos e crianças. "Até nossos cachorros sofrem de diarréia", contou Divino da Silva Rocha, 26, pai de três filhos.

Dezilen Batista, 25 anos, per-

deu há menos de um mês sua filha de 10 meses. Janaína morreu por desnutrição e uma forte diarréia. Agora, ela e o marido desempregados têm outro problema para enfrentar: cuidar da catapora que atacou seus filhos de 6 e 4 anos, há um mês. A probabilidade de contaminação desta e outras doenças é mais um risco dividido entre os moradores e uma preocupação do administrador de Taguatinga, Edmar Braz de Quiroz. "Temos a informação de que existem também aidéticos

entre eles. Isto tudo é um problema social sério para o qual procuramos solução", afirmou.

Rato — Se eventualmente as crianças não têm o que comer durante o dia, elas correm o risco freqüente de virar comida de rato à noite. Foi o que aconteceu com Cíntia Raquel Costa da Silva, 2 anos, na noite do dia 12. Chorando, ela acordou sua mãe, Dirce, que se deparou com um rato de cerca de 20 centímetros roendo o dedo indicador direito da

menina. O incidente provocou inflamação e febre em Cíntia, que já está recuperada.

"Estamos atrás de uma sombra para colocar nossas crianças", suplicou Silvério Moura Barreto, 32 anos. Muitos dos invasores estão há alguns anos ali à espera de um lote. Segundo Assis, "não existe migrante na invasão, existe gente sofredora que não consegue pagar um aluguel para sobreviver decentemente".

Márcio Batista